

RECORTE - REVISTA DE LINGUAGEM, CULTURA E DISCURSO

Ano 5 – Número 8 – Janeiro a Junho de 2008

[início](#)

A IMPRENSA OITOCENTISTA NAS PÁGINAS DE DONA FRANCISCA SENHORINHA

Aparecida Maria Nunes
UNINCOR

ABSTRACT – The article does a historical investigation of the work and trajectory of Francisca Senhorinha da Motta Diniz, a pioneer in the feminine press in the interior of Minas Gerais state in the second half of the 19th century and a tough advocate of the broadening of women's rights and liberties in the patriarchal society.

INTRODUÇÃO

Saber o que as-mulheres-de-ontem pensavam e diziam delas mesmas desencadeia a possibilidade de conhecer outras vozes não somente do feminismo no Brasil, mas também das produções de autoria feminina que, longe do cânone, repousam tranqüilas nos arquivos de bibliotecas ou de acervos já empoeirados.

É através da imprensa, notadamente a partir da primeira metade do século XIX, que a mulher passa, não somente a ser assunto na mídia da época, mas também a publicar seus textos, sendo, em muitos casos, formadora de opinião. Até então muitos periódicos – apesar de trazerem no título o público-alvo ao qual se destinavam (*Jornal das famílias*), de adotarem pautas ao gosto dos interesses das mulheres letradas do Império (*A estação*) e de contemplarem um adorno feminino (*O espelho diamantino*) ou referirem-se ao universo da mulher (*Correio das modas*) – eram fundados e dirigidos por homens. E não raro as matérias também eram escritas por redatores que adotavam pseudônimos femininos para conferir autenticidade às publicações. É o caso do escritor Cláudio de Souza, que assinava os editoriais da *Revista feminina*, publicada em São Paulo e distribuída em todo o Brasil, de 1914 a 1936, sob o pseudônimo de Ana Rita Malheiros.

Aliás, a questão dos pseudônimos constitui capítulo à parte quando se fala da imprensa do século XIX. Nas primeiras décadas dos oitocentos, os artigos de opinião escondiam os nomes dos verdadeiros autores. Sabe-se que até o imperador Dom Pedro I se valia desse estratagema para provocar seus

adversários políticos por meio dos jornais, com os pseudônimos de Duende ou Inimigo dos Marotos. Machado de Assis é outro escritor que lançou mão de vasto número de pseudônimos ao publicar seus contos na imprensa carioca. Camilo da Anunciação, Eleazar, Job, Lélío, Manassés, Boas Noites são alguns nomes adotados por Machado, além, é claro, das iniciais J. B., J. J., M. A.. Nas crônicas que escrevia para o *Jornal das famílias*, Machado curiosamente se apresenta como Lara.

Mas, em meados do século XIX, algumas mulheres mais ousadas começam a publicar textos opinativos, poesias e folhetins na imprensa. Como a produção literária feminina era vista com desdém pela sociedade, muitas adotavam identidade masculina. Os exemplos mais famosos são os dos europeus George Eliot, que na verdade se chamava Mary Ann Evans, e George Sand, que era o pseudônimo da francesa Amandine Dupin.

A luta pelo direito à educação das moças e ao voto da mulher pontuou o surgimento, mesmo com duração efêmera, de periódicos de expressão feminista no período entre séculos (segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX). Por essa ocasião, a imprensa de Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Pernambuco já era combativa e atuante. Minas, porém, se mantinha conservadora, não sendo tão agressiva ao participar das lutas políticas e registrar denúncias. Com a decadência da mineração do ouro, a Zona da Mata e o sul das Gerais ganham importância no cenário político-econômico, principalmente depois de 1830, com a interiorização da imprensa na província.¹ Esse fato comprova que o surgimento de órgãos de imprensa mineiros mapeia de certa maneira a marcha dos grandes centros de economia na província.

1. A PROFUSÃO DAS TIPOGRAFIAS

No início dos oitocentos, portanto, Ouro Preto, São João Del Rei, Sabará, Mariana, Serro e Diamantina contam com representativos periódicos. O *compilador mineiro*, considerado o primeiro jornal da província, foi lançado em 13 de outubro de 1823, em Ouro Preto, pela Oficina Patrícia de Barbosa e Cia., que também seria a responsável pela publicação de *A abelha do Itaculumy* e de *O universal*.² Em 1830, eram publicados oito jornais no Estado. Mas, a partir daí, gradativamente, outras regiões passaram a contar com seus periódicos, diga-se de passagem de vida efêmera. Alguns de tendência conservadora, porém a maioria adotava a linha liberal.

Artesanais e rudimentares, as tipografias proliferaram nos anos finais do Primeiro Reinado em diversos pontos das Minas Gerais, apesar de parte dos materiais tipográficos, como papel, tinta, tipos móveis e ferramentas, ser importada da França. Por essa ocasião, até mesmo prelos poderiam ser despachados para o Rio de Janeiro e transportados para o interior do Brasil. A tipografia se expandia como empresa, contratando funcionários para o trabalho de impressão: cartas, proclamações, ofícios, editais, folhinhas de algibeira e convites, além de livros e folhetos de toda ordem. No entanto, as tipografias tinham sua razão de ser em função da publicação de seus jornais. Daí, Tipografia do Astro de Minas, Tipografia do Universal ou ainda Tipografia da Opinião Campanhense. Tal ocorrência, o fato da denominação da empresa estar vinculada ao nome do principal periódico editado, corrobora

o intento da criação da tipografia: a profusão de idéias para o debate político. Aliás, é importante esclarecer, muitos periódicos eram idealizados apenas para combater o inimigo político e eram alimentados pela luta do poder. Sobretudo nas primeiras décadas do século XIX, a imprensa estava vinculada a uma elite política.

Por outro lado, sabe-se que a maioria dos prelos, geralmente, abrigava reduzido número de artesãos. Ou ainda: uma única pessoa, muitas vezes o proprietário, podia montar prelos, fundir tipos, redigir e imprimir seus escritos sem a necessidade de uma equipe de profissionais da área. É o que nos conta Nelson Werneck Sodré, na *História da Imprensa no Brasil* (1983). E, justamente pelo fato dessas empresas não contratarem funcionários, a periodicidade dos jornais ficava prejudicada, sendo muitos semanários. *O Astro de Minas* (1827-1839), de São João Del Rei, por exemplo, é exceção: saía às terças, quintas e sábados. E é da mesma tipografia, a do Astro, que surge *O mentor das brasileiras* (1829-1832), o primeiro periódico das Gerais voltado para o público feminino, a exemplo do precursor carioca *O espelho diamantino*, lançado em 1827.

O mentor das brasileiras, de tendência político-liberal, era feito por mulheres. Publicava assuntos de política, literatura e educação e defendia a presença feminina na vida pública, nas suas 129 edições. Impetuoso, fez severas críticas a D. Pedro I e chegou a mobilizar os leitores a lutar, até a última gota de sangue, pela liberdade, nas edições que precederam o final do Primeiro Reinado.

Os estudos de Xavier da Veiga³ são fundamentais para o resgate da memória da imprensa nas Minas Gerais. É sintomático o trabalho que realizou sobre o primeiro século da imprensa mineira, notadamente o inventário com as publicações que surgiram nesse primeiro centenário, considerado a parte mais importante de “A imprensa em Minas Gerais (1807-1897)”. Até hoje insuperável, a pesquisa de Xavier da Veiga lista, em 34 páginas, centenas de periódicos criados no Estado, em 87 localidades.

Xavier da Veiga registrou 863 gazetas criadas em 118 pontos, entre cidades, vilas e arraiais. A determinação de 1821 que tornava livre a criação de publicações fez com que proliferasse o número de periódicos mineiros a partir da década de 1830 e se comprovasse a influência de Ouro Preto, capital da província, na formação de opinião pública, através do jornalismo, com 163 periódicos criados na cidade até 1897. O inventário também mostra que a imprensa se tornou forte nas regiões que foram povoadas tardiamente, com a decadência da exploração de ouro e diamantes. Uberaba, por exemplo, contabilizou 57 jornais e Juiz de Fora, 55. Mas, outras localidades se mostraram importantes na história do jornalismo mineiro oitocentista: São João Del Rei aparece com 41 publicações; Diamantina, com 45 e Campanha, com 33.

2. A IMPRENSA EM CAMPANHA

Campanha, em 1872, conforme o recenseamento da época, possuía pouco mais de 20 mil habitantes, sendo que apenas 1458 mulheres sabiam ler e escrever, cerca de 7% da população total.

A cidade é a mais antiga do sul de Minas, cuja povoação foi iniciada no ciclo do ouro, quando conheceu a opulência e a riqueza. Elevada à condição

de cidade em 9 de março de 1840, Campanha é considerada “o berço da cultura sul mineira” ou “a cidade mãe do sul de Minas”.

Foi uma das primeiras localidades brasileiras a possuir imprensa, sendo que muitos de seus periódicos adquiriram projeção nacional, durante o século XIX. Desde 1831, Campanha já contava com imprensa própria, o que favoreceu a edição de mais de uma dezena de jornais de grande circulação nos oitocentos.



Figura 01 – Foto de litogravura da cidade de Campanha, feita em 1840. Fonte: Acervo do Centro de Memória Cultural do Sul de Minas / Universidade do Estado de Minas Gerais / Campus agregado de Campanha. A litogravura original encontra-se no Arquivo Nacional.

No sul de Minas, a cidade de Campanha refletia as transformações políticas, sociais e culturais que ocorriam no Rio de Janeiro, aderindo aos projetos que repercutiam na corte, principalmente a aspiração de uma sociedade letrada. O século XIX, considerado o século da imprensa artesanal, das folhas que dificilmente ultrapassavam as quatro páginas, conforme nos conta Buitoni (1981, p. 27), foi ainda o responsável pela pequena imprensa combativa, alimentada mais por idéias do que informações. Absorvendo as tendências que vinham dos grandes centros, a criação de periódicos encontrou na cidade de Campanha a motivação suficiente para mobilizar a sociedade para o debate por meio das páginas dos jornais, como tribuna para a troca de opiniões. Desde o surgimento do *Opinião campanhense*, em 1832, até o advento de *Colombo* (1873-1875), periódico representativo do Partido Republicano do sul das Minas, pode-se ler as inquietações que motivaram a passagem da escravatura à abolição, do Império à República, e a luta pela igualdade de direitos para o sexo feminino.

Colombo, por exemplo, imbuído na luta republicana, não aceitava acordo com os liberais. Abolicionista convicto e fiel aos seus preceitos ideológicos, *Colombo* sequer acolhia a publicação de anúncios sobre escravos. E tinha nos artigos do poeta e jornalista Lúcio Menezes Furtado de Mendonça, profissional dos mais respeitados na corte e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, a sua veia mais combativa. Mendonça, que era fluminense mas residia em Campanha, não poupava a monarquia em seus textos nem as questões sociais nos poemas que publicava, como o intitulado

“Para as vítimas da seca do Nordeste”.

Durante os oitocentos, a cidade de Campanha se tornou o centro propagador das idéias separatistas. Personalidades eminentes, políticos e escritores uniram-se através de projetos parlamentares e da imprensa para insuflar a proposta de desmembramento do território sul mineiro, a fim de criar nova unidade administrativa na região. Para tanto, *O monitor sul mineiro*, monarquista e conservador, semanário dirigido por Bernardo Saturnino da Veiga e seu irmãos, no período de 1872 a 1896, teria, entre outras propostas de sua linha editorial, o objetivo de propagar o movimento separatista no sul de Minas.

Nesse cenário de lutas políticas e atento ao projeto civilizatório, amplamente adotado na Europa, de veicular na imprensa valores e idéias capazes de sensibilizar o público leitor, surge o semanário *O sexo feminino*, contemporâneo de *O monitor sul mineiro*, igualmente combativo e de proposta bem definida: a emancipação da mulher pela educação intelectual.

3. FRANCISCA E SEU SEMANÁRIO

De reconhecida cultura e ousadia, amiga de D. Pedro II, a professora primária Francisca Senhorinha da Motta Diniz lança, edita e redige com regularidade seu semanário, “dedicado aos interesses da mulher”, com a tiragem de 800 exemplares, todos vendidos por assinatura, naquele 1873, na cidade de Campanha.

Apesar de ser referência na imprensa feminina, citada inclusive por Gondin da Fonseca como uma das primeiras feministas brasileiras, pouco se sabe sobre Francisca Senhorinha. As escassas informações biográficas registram apenas que a professora é natural de São João Del Rei e filha de Eduardo Gonçalves da Motta Ramos e de Gertrudes Alves de Mello Ramos. E que, de seu casamento com o advogado José Joaquim da Silva Diniz, teve duas filhas: Albertina e Elisa.

Mesmo longe da efervescência cultural e política da corte no Rio de Janeiro, Francisca Senhorinha não se intimida em lançar seu jornal de combate no interior mineiro. E diante de uma “feliz coincidência”, como ela mesma expressa em texto de apresentação do primeiro número, quando então se comemorava 51 anos de liberdade do jugo colonial, a data – 7 de setembro – também serviria para marcar uma época não menos memorável, conforme frisa a jornalista: a independência do sexo feminino.

Empreendedora, Francisca Senhorinha não só idealiza seu semanário, definindo a linha editorial, como se arrisca a divulgar suas idéias na imprensa, mediante um jornal que já levava no nome – *O sexo feminino* – a sua proposta ideológica. Francisca, portanto, não se limita aos papéis de esposa e professora. Acredita que através da mídia daquele tempo poderia mobilizar mais simpatizantes para a bandeira de emancipação da mulher. Por isso, aproveita a tipografia do marido José Joaquim, também proprietário do jornal *O Monarquista*, para lançar seu semanário em quatro páginas, obedecendo ao padrão gráfico da época.



O MONARCHISTA

Publica-se todos os domingos a 20000 por anno e 20000 por 6 meses. An publicação sexta-feira a 100 rs. por folha. De São Paulo, 13 de Janeiro de 1877.

ANNO VI. (MINAS) CAMPANHA, 13 DE JANEIRO DE 1877. N. 3

O MONARCHISTA

Constituição de 24 de Janeiro de 1877.

Publicação de 13 de Janeiro de 1877.

In se não tem a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

...a cidade de Rio de Janeiro...

Figura 02 – Fac-símile da primeira página de *O Monarchista*, editado pelo advogado e professor José Joaquim da Silva Diniz, marido de Francisca Senhorinha. Fonte: Biblioteca Nacional.

A proposta de Francisca Senhorinha não era nova. Seguia, de certa forma, a linha de outros periódicos antecessores seus, como *O jornal das senhoras*, fundado em 1º de janeiro de 1852 pela argentina Joana Paula Manso de Noronha, e *O belo sexo*, em 1862, redigido por Julia de Albuquerque Sandy Aguiar. Ambos editados no Rio de Janeiro. E em São Paulo, Josefina Álvares de Azevedo lança *A família*, em 1863. Vale relembrar que, na primeira metade do século XIX, já havia, mesmo que timidamente, uma imprensa direcionada à mulher no Brasil. É o caso de *O espelho diamantino*, no Rio de Janeiro, e *O espelho das brasileiras*, em Recife. Mas todos eles fundados e dirigidos por homens.

O ambiente da corte no Rio de Janeiro parecia ser propício para o surgimento de outros jornais, ainda que de vida efêmera, na linha reivindicatória dos direitos das mulheres. E foi justamente nesse cenário de lutas entre-séculos que se destacou o espírito de iniciativa de Francisca Senhorinha, que nos permite saber mais sobre as próprias mulheres e as estratégias que adotaram para se expressar publicamente – num tempo em que o acesso ao conhecimento e à ilustração era privilégio de uma elite sobretudo masculina. No entanto, conforme Maria Lúcia Palhares-Burke, a imprensa oitocentista fazia parte do cotidiano tanto de letrados quanto de analfabetos. Em 1872, apenas um quinto da população livre era instruída. Mas havia o

hábito da leitura dos jornais em voz alta, o que favorecia o acesso ao debate de idéias pelos não-alfabetizados, que acabavam sendo mobilizados pela ideologia da mídia da época.

Francisca Senhorinha estava ciente de possíveis retaliações assim que circulasse o primeiro número de *O sexo feminino*. E tal era a força expressiva de seu discurso que, logo na primeira página da edição inaugural, sob o título “A educação da mulher”, a jornalista adverte estar preparada para reações irônicas e perseguições infundadas. Ela escreve:

Zombem muito embora os pessimistas do aparecimento de um novo órgão de imprensa – O sexo feminino; tapem os olhos os indiferentes para não verem a luz do progresso, que, qual pedra desprendida do rochedo alcantilado, rola violentamente sem poder ser impedida em seu curso; riam os curiosos seu riso sardônico de reprovação à idéia que ora surge brilhante no horizonte da cidade de Campanha; agourem bem ou mal o nascimento, vida e morte do Sexo feminino; persigam os retrógrados com seus ditérios de chufa e mofa nossas conterrâneas, chamando-as de utopistas: O sexo feminino aparece. Há de lutar e lutar até morrer; morrerá talvez, mas sua morte será gloriosa e a posteridade julgará o perseguidor e o perseguido.⁴

O SEXO FEMININO

SEMANARIO DEDICADO AOS INTERESSES DA MULHER.



Assinaturas.

Por anno 35000
Por semestre 23000
Publica-se 1 vez por semana.

« E pelo intermédio da mulher que a natureza escreve no coração do homem »

(AIME' MARTIN.)

Observação.

Toda correspondência será dirigida à D. Francisca Senhorinha da Motta Diniz.

PROPRIETARIA E REDACTORA—D. FRANCISCA S. DA M. DINIZ.—COLLABORADORAS, DIVERSAS.

O Sexo Feminino.

A educação da mulher.

Zombem muito embora os pessimistas do apparecimento de um novo órgão na imprensa—O *Sexo Feminino*; tapem os olhos os *indiferentes* para não verem a luz do progresso, que, qual pedra desprendida do rochedo alcantilado, rola violentamente sem poder ser impedida em seu curso; rião os *curiosos* seu riso sardonico de reprobção á idéa que ora surge brilhante no horizonte da cidade da Campanha; agourem bem ou mal o nascimento, vida e morte do *Sexo Feminino*; persigão os *retrogrados* com seus dilerios de chufa e mofa nossas conterrancas, chamando-as de *utopistas*: O *Sexo Feminino* apparece, hade lutar, e lutar até morrer: morrerá talvez, mas sua morte será gloriosa e a posteridade julgará o perseguidor e o perseguido.

O seculo XIX, seculo das luzes, não se findará sem que os homens se convenção de que mais de metade dos males que os opprimem é devida ao descuido, que elles tem tido da educação das mulheres, e ao falso supposto de pensarem que a mulher não passa de *um traste de casa*, grosseiro e brusco gracejo que ingelizmente alguns individuos menos de-

licados ousão atirar a face da mulher, e o que é mais as vezes, em plena sociedade familiar!!!

Em vez de paes de familia mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, lavar, cosinbar, varrer a casa etc., etc., mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, grammatica da lingua nacional *perfeitamente*, e depois, *economia e medicina domestica*, a *puericultura*, a *litteratura* (ao menos a nacional e portugueza), a *philosophia*, a *historia*, a *geographia*, a *physica*, a *chimica*, a *historia natural*, para coroar esses estudos a *instrução moral e religiosa*; que *estas meninas assim educadas* não dirão quando moças estas tristes palavras:

« Si meu pai, minha mãe, meu irmão, meu marido morrerem o que será de mim!!! »

Não sirva de cuidado aos paes que suas filhas, assim educadas e instruidas, não saibão coser, lavar, engomar, cortar uma camisa, etc. etc.

A riqueza intellectual produzirá o dinheiro, e com este se satisfarão as necessidades.

O dinheiro, Deos o dá e o diabo pôde tirar; mas a sabedoria que Deos dá—o diabo não a roubará.

Figura 03 – Fac-símile da primeira página da edição inaugural de *O sexo feminino*, de 1873. Fonte: Biblioteca Nacional.

E foi assim que o jornal *O sexo feminino* acabou se constituindo em um dos periódicos do gênero de maior duração e sucesso. Sua trajetória passou por três fases.

A primeira, de 07 de setembro de 1873 a 07 de setembro de 1874, em Campanha da Princesa, Minas Gerais, com assinantes em diferentes cidades, totalizando 45 edições.

A segunda fase, de 22 de julho de 1875 a 02 de abril de 1876, na cidade do Rio de Janeiro, para onde Francisca Senhorinha se transfere com a família e onde também, é importante esclarecer, foram impressos mais quatro mil exemplares dos primeiros dez números para atender os novos assinantes cariocas.

Nesse período, o jornal passa inicialmente a ser impresso na Tipografia e Livraria de Lombaerts e filhos, localizada na Rua dos Ourives nº 7. Os Lombaerts editavam o periódico *La saison*,⁵ que trazia pinturas, gravuras e grande número de moldes para moda. Para quem assinasse conjuntamente *O*

sexo feminino e *La saison*, que vinha com uma versão em língua portuguesa, explicando o texto francês, havia redução no preço. Mas, em 17 de outubro de 1875, a edição de nº 12 do periódico de Francisca passa a ser impressa na Tipografia Americana, na Rua dos Ourives nº 9. A segunda fase do periódico completa, assim, 22 edições, quando Francisca anuncia aos seus assinantes que o jornal terá sua periodicidade modificada para mensal, pelo fato de ter sido acometida pela febre amarela, junto com a família, e, por isso, ficaria ausente da corte temporariamente.

Na terceira fase do jornal, de 02 de junho de 1889 a 18 de agosto de 1889, totalizando 8 edições, Francisca já se encontra na Rua do Lavradio nº 101. E o jornal passa a ser impresso na Tipografia de Machado & C., da rua Gonçalves Dias nº 28.

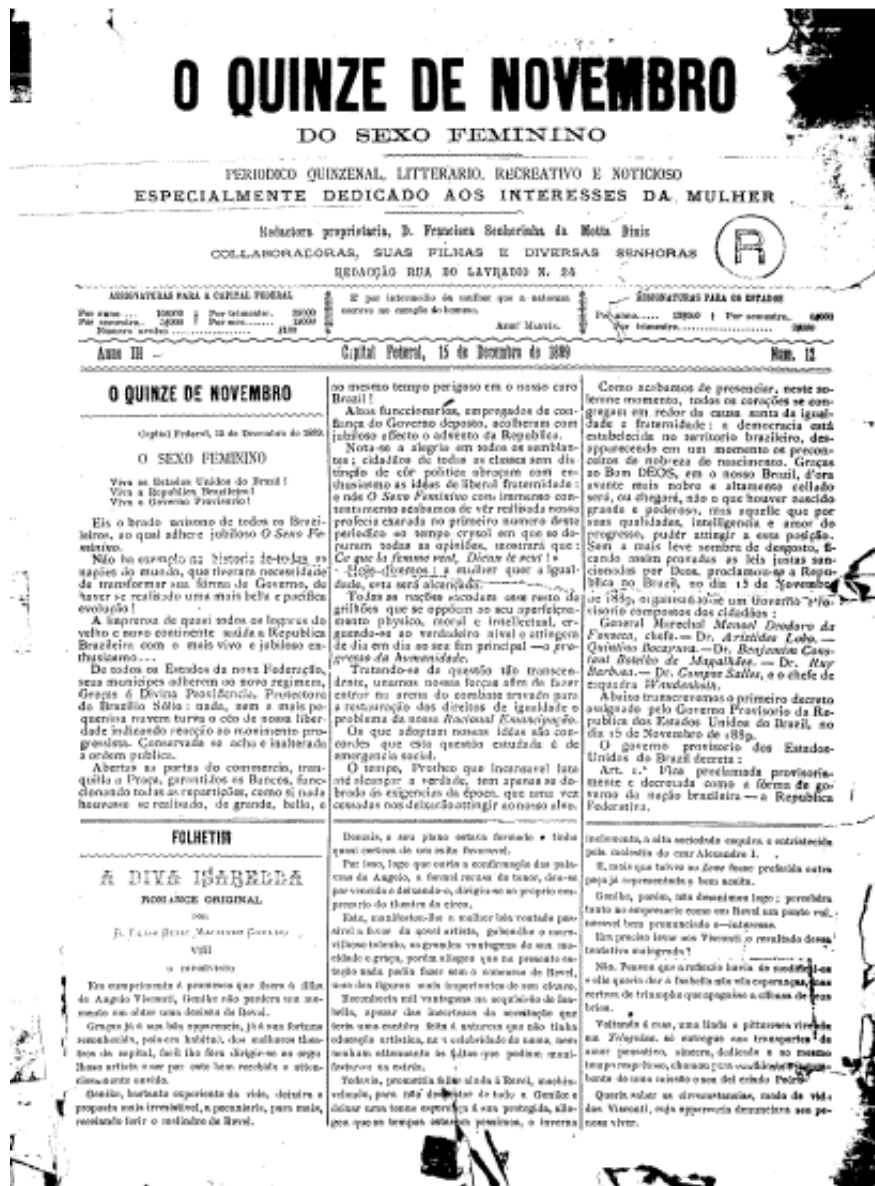


Figura 04 – Fac-símile da primeira edição do semanário editado por Francisca Senhorinha, quando passa a se chamar, em 1889, *O quinze de novembro do sexo feminino*. Fonte: Biblioteca Nacional.

Depois disso, a redatora se entusiasma com a Proclamação da República e altera o nome do periódico para *O quinze de novembro do sexo feminino*, com periodicidade quinzenal, a partir de 15 de dezembro de 1889, em sua edição

de nº 12, com sede na capital federal, na Rua do Lavradio novamente, mas no nº 24, transferindo-se tempos depois a redação para a Rua do Senador Euzebio nº 78, quando, então, passa a defender com maior empenho o direito das mulheres ao estudo secundário e ao trabalho. É por essa ocasião, pois, que a jornalista passa a denunciar a educação mesquinha oferecida às meninas. Nessa fase do jornal, a última edição resgatada data de 30 de setembro de 1890. E, nesse período, o jornal é impresso na Tipografia Montenegro, da rua Nova do Ouvidor nº 16, primeiramente, e, depois, na Mont'Alverne a Vapor, na Uruguaiana nº 43

4. FRANCISCA E SUAS PÁGINAS

Mas, voltando ao lançamento do jornal em 1873 e aos editoriais polêmicos escritos pela própria Francisca, sua grande luta na imprensa, podemos dizer, foi a de encontrar um veículo capaz de propagar a necessidade de educação da mulher, que não podia ficar restrita ao mero papel decorativo do lar, como “boneca de luxo”. A fim de explicitar seu raciocínio, Francisca Senhorinha, ainda nesse primeiro editorial, frisa:

O século XIX, século das luzes, não se findará sem que os homens se convençam de que mais da metade dos males que os oprimem é devida ao descuido que eles tem tido da educação das mulheres, e ao falso suposto de pensarem que a mulher não passa de um traste em casa.

É importante observar que *O sexo feminino* mantém discurso coerente com a proposta apresentada no título do semanário, definindo ainda seu público-alvo – a mulher –, em época na qual a indústria cultural não tinha se constituído nem se segmentado. Mas que, atendendo a uma característica própria da estética da imprensa feminina de combate, já deixa evidente o conceito de imprensa sexuada, ao conclamar a interlocutora para as lutas pelos direitos e responsabilidades das mulheres, como o direito à alfabetização, à escola secundária e aos estudos superiores, direito às carreiras proibidas e ao trabalho remunerado.

Francisca incita, então, sua leitora a olhar para si mesma e a definir o papel que a mulher representa na sociedade. Diz ser a mulher dotada das mesmas faculdades do homem e que, para ser também boa mãe de família, deve instruir-se. Por isso conclama sua interlocutora (ou seu interlocutor) a vir para a imprensa, para reagir contra o despotismo masculino. Admite que é somente pela discussão, notadamente a veiculada pela imprensa, que serão capazes de persuadir a opinião pública até a conquista do ideal de emancipação da mulher.

Os ideais difundidos por Francisca Senhorinha tiveram a acolhida de outros órgãos da imprensa brasileira. A redatora, inclusive, fez questão de agradecer nas próprias páginas de *O sexo feminino* as matérias que fizeram referência ao seu jornal. Por essas notas de agradecimento, se percebe a teia dos relacionamentos travados entre Francisca e os editores de outros periódicos representativos dos oitocentos, bem como a repercussão de certas pautas. *A República*, *O Itajubá*, *Diário de Minas*, *Echo de Minas*, *Mosquito* e os campanhenses *Monitor sul mineiro*, *Monarchista* e *Colombo* foram alguns dos

que teceram comentários sobre o trabalho editorial da professora.

Francisca, em alguns momentos, chegava a publicar o texto original de outros jornais sobre a importância de sua iniciativa em defender a educação da mulher. É o caso da adesão manifestada pelo jornal *República* (edição nº 744), que enaltece os serviços prestados pelo semanário não somente ao sexo feminino, mas também ao país, preconizando até, caso se prestasse o apoio necessário a Francisca, estar Campanha na vanguarda do progresso mineiro. A matéria fala do entusiasmo com que a editora se lança na arena da imprensa e da firmeza com que discute a causa da mulher, na luta para adquirir instrução e para se libertar do ambiente opressor em que vive, cercada de preconceitos, de falta de recursos e inclusive de “mortífero sarcasmo”. O parágrafo inicial do texto, contudo, merece ainda atenção pelo perfil que delineia da editora de *O sexo feminino*. Acompanhemos, pois:

Com prazer registramos hoje em nossas colunas um fato que vem confirmar essas verdades: apenas a Escola do Povo ergue a voz em favor dos direitos da mulher, a cidade de Campanha, em Minas Gerais, vê surgir na imprensa um órgão intitulado *O sexo feminino*, para sustentar aquelas idéias: e, o que mais é, esse periódico é redigido por uma senhora, uma distinta professora, auxiliada em seu empenho por muitas outras senhoras distintas daquele torrão tão feliz que já tinha filhas capazes de sentir e de sustentar os seus direitos.

É importante ressaltar que a repercussão favorável à criação de *O sexo feminino* pelos periódicos representativos da imprensa oitocentista tinha homens por redatores e profissionais da expressão de um Quintino Bocaiúva, Aristides Lobo e Manuel Vieira Ferreira. Além do mais, Francisca Senhorinha revela ser detentora de uma rede de relacionamentos privilegiada, que corrobora seu trabalho e seu prestígio. Francisca tinha contatos com pessoas influentes da corte e, por meio da troca de periódicos, mantinha aproximações com vários intelectuais, a exemplo de José Carlos Rodrigues, editor do jornal *O novo mundo*, publicado nos Estados Unidos.

O semanário também designava espaço a produções literárias, muitas vezes traduzidas do francês pelas filhas de Francisca: Albertina e Amélia.⁶ Outras mulheres colaboravam igualmente com artigos ou poemas, que sempre obedeciam à linha editorial do semanário, ancorada em temas referentes à religião, educação e emancipação da mulher. Mas, a poetisa Narcisa Amália de Campos, abolicionista simpatizante de Nísia Floresta, é colaboradora constante e das mais importantes na luta pelos direitos da mulher e dos oprimidos em geral. A poetisa de *Nebulosas*, considerada ainda a primeira mulher a se profissionalizar como jornalista no Brasil, foi uma das personalidades que recebeu a admiração expressa de Francisca, na edição de 11 de outubro de 1873 de *O sexo feminino*. Narcisa Amália é elogiada como “uma das penas mais hábeis que tem aparecido na imprensa diária da corte”, sendo poetisa distinta, literata não vulgar e talento transcendental. Narcisa Amália, finaliza Francisca Senhorinha, “está acima de qualquer elogio que a pena mais bem aparada possa tecer”. Palavras essas que vão ao encontro, de alguma maneira, das de Machado de Assis, que também enaltecia a “pena delicada e fina” com que Narcisa escrevia.

Depois da proclamação da República, porém, o entusiasmo de Francisca Senhorinha cede à desilusão manifesta com os novos tempos, cujos propagandistas republicanos asseguravam a legitimação dos direitos femininos. Mas, meses depois, a própria Francisca anunciava nas páginas de

seu jornal que a República havia mostrado a sua verdadeira face, qual seja, a da manutenção dos preconceitos e das práticas discriminatórias contra a mulher, motivando um retrocesso.

CONCLUSÃO

O surgimento do periódico *O sexo feminino* não foi por acaso e, de certa maneira, refletiu o processo de interiorização da imprensa em Minas Gerais, com o declínio da extração de ouro nas cidades que se desenvolveram em função desse tipo de economia.

A localização privilegiada da cidade de Campanha, região de confluência de cariocas, paulistas e mineiros; a vinda de intelectuais e políticos da corte para o sul de Minas; a dinâmica da luta pelo poder; o desenvolvimento da técnica nos setores da comunicação e do transporte; a necessidade de se reposicionar a economia de mercado e da mão-de-obra feminina; e a adesão às idéias iluministas de melhor instrução para o cidadão foram alguns dos fatores que permitiram o trabalho de Dona Francisca Senhorinha da Motta Diniz no jornal *O sexo feminino*.

O discurso inflamado da jornalista oitocentista expressa nitidamente sua ideologia. A materialidade lingüística da produção desse “semanário dedicado aos interesses da mulher”, como é orgulhosamente expresso no cabeçalho da publicação, abaixo da denominação do periódico, indica não somente a postura política de sua idealizadora e de seus colaboradores, já que alguns homens eram simpatizantes da bandeira defendida por Francisca, mas também a visão de mundo de certo grupo social em determinado espaço/tempo.

Foucault nos ensina que os diferentes modos de se produzir um discurso levam em conta os espaços sociais, históricos e ideológicos nos quais se insere o sujeito enunciator. Ora, mediante o recorte dos discursos publicados no semanário de Dona Francisca Senhorinha, é possível delinear sentidos para as mulheres dos oitocentos, sobretudo para as que estavam imersas nos anseios daquilo que caracterizaria o novo século. Principalmente a quebra de silêncios e de submissão a que estava condenada a mulher.

As páginas de *O sexo feminino* reproduziram o que já ecoava no espírito de seus interlocutores: a necessidade de rescindir o ideal normativo do discurso masculino. A sociedade com seus avanços não mais podia sustentar a imagem da mulher meramente reprodutora e adorno de salão. A mãe de família, tão bem enaltecida por Rousseau, para cumprir seu destino, deveria agora se instruir e adotar a educação como meio de conscientização de seus direitos e deveres.

E é para essas mulheres, além de outras nas cidades de Lorena, Rio Preto, São Paulo, Bagagem, Três Pontas, e aos que recebiam as permutas do periódico em demais localidades de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Santa Catarina, Rio Grande do Norte, Madri e Nova Iorque, incluindo o imperador Dom Pedro II e a princesa Isabel, como assinantes especiais, que Dona Francisca Senhorinha apresentou suas idéias, que se somariam às dos abolicionistas e republicanos.

Tais interlocutores, na verdade, creditaram a Francisca o papel de porta-voz de outras mulheres, corroborando a função assumida, de antemão, pela própria editora do semanário campanhense. Mais ainda: como o jornal não somente denunciava a condição subalterna da mulher na sociedade patriarcal, mas

também nitidamente apregoava o direito feminino à educação e à posição de co-protagonista da sociedade familiar e gestora do patrimônio amealhado, esses aspectos todos, aliados ao desejo de ter voz e de ser cidadã, luta que já estava eclodindo a favor do sufrágio feminino, garantiram a longa vida de *O sexo feminino*, que conseguiu sobreviver por duas décadas, acompanhando episódios significativos da história brasileira: o governo de D. Pedro II, o advento da República e a abolição da escravatura.

Contemporâneos a todos esses clamores da sociedade, o jornal, Dona Francisca, suas colaboradoras e seus leitores, ao lutarem pela emancipação feminina, estavam, de fato, todos imersos numa zona de conflito: a fronteira entre o espaço privado e o espaço público, cujos protagonistas eram, respectivamente, a mulher e o homem.

Assim, materializando a voz feminina através da imprensa, em espaço que até então era negado à mulher, o jornal de Dona Francisca cumpre o papel que a sociedade lhe conferiu.

NOTAS

1. A imprensa brasileira destaca a presença de renomadas figuras mineiras, embora o jornalismo em Minas Gerais tenha surgido de maneira tímida e demorada. Frei Veloso, fundador e diretor da Oficina do Arco do Cego, em Lisboa, e o padre Viegas, que realizou impressão calcográfica, por volta de 1807, são alguns exemplos.

2. *A abelha do Itaculumy* (1824-1825) substituiria *O compilador mineiro* assim que este deixou de circular, em 9 de janeiro de 1824. *O universal* é considerado o periódico de maior duração, sendo publicado de 1824 a 1842.

3. José Pedro Xavier da Veiga, intelectual e jornalista, historiador e político mineiro dos mais influentes do século XIX, foi o fundador e primeiro diretor do Arquivo Público Mineiro. É considerado o precursor dos estudos de jornalismo em Minas Gerais, com a realização da monografia “A imprensa de Minas Gerais 1807-1897” (In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Ano III, 1898, pp. 169-249). Xavier da Veiga pertencia a uma família tradicional na política, na imprensa e na cultura. Seu avô, Francisco Luís Saturnino da Veiga, veio de Portugal com 13 anos de idade, em 1784. No Rio de Janeiro, torna-se livreiro. Alguns dos filhos de Saturnino da Veiga destacam-se na vida pública: Evaristo da Veiga, redator da *Aurora Fluminense*, contribuiu para a abdicação de D. Pedro I e foi eleito três vezes deputado pelas Minas Gerais; Bernardo exerceu a presidência da província das Minas por duas vezes e foi representante na Câmara dos Deputados do Império entre 1843 e 1844; Lourenço, o pai de Xavier da Veiga, foi proprietário de jornais e lutou pela fundação de nova província no sul de Minas Gerias, criando para tanto, na cidade de Campanha, o periódico *Nova Província*, que circulou de 1872 a 1898.

4. A ortografia foi atualizada.

5. O livreiro Jean Baptiste Lombaerts, juntamente com seu filho, Henri Gustave – ao contrário dos irmãos Laemmert, Eduardo e Henrique, que editavam *O correio das modas*, além de dominarem o mercado de livros –,

optaram por trabalhar com jornais e revistas importadas. A Livraria e Tipografia Lombaerts era a responsável pela importação e revenda no Brasil do periódico francês *La saison*, impresso por Gustave Lyon Société Anonyme em Paris. Segundo Marlyse Meyer, *La saison* circulou no Brasil entre 1872 e 1878. Periódico de prestígio que publicava a moda de Paris, *La saison*, no Brasil, vinha acompanhada de um suplemento em português, produzido por Lombaerts. Mas foi somente em 15 de janeiro de 1879 que o livreiro passou a editar uma versão brasileira, chamada *A estação: jornal ilustrado para a família*, lançada no Rio de Janeiro. *A estação* dividia-se em duas partes: o “Jornal de modas” e a “Parte literária”. A primeira era importada, traduzida da revista alemã *Die Modenwelt*, publicada pela editora Lipperheide de Berlim. A parte literária, por exemplo, contou com a publicação em forma de folhetim do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis.

6. Não se sabe ainda quantas filhas de fato Francisca Senhorinha teve. Alguns dicionários comentam que, de seu casamento com José Joaquim da Silva, teve duas filhas: Albertina Diniz e Elisa Diniz Machado Coelho. Mas, nas páginas de *O sexo feminino*, aparece o nome de Amélia A. Diniz, assinando artigos em nome do jornal, traduzindo textos do francês juntamente com Albertina Diniz, em cujo crédito de autoria aparece explicitamente “pelas irmãs”, e ainda como professora de piano e música.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981.

_____. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

BURMEISTER, Herman. *Viagem ao Brasil através das províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo: Livraria Martins, 1952.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GONÇALVES, João Luiz Traverso. *A geografia da imprensa em Minas Gerais no século XIX: uma conexão com as redes de cidades da província*. Belo Horizonte: IGC/UFMG, 2001.

HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LEITE, Miriam Moreira. *A mulher no Rio de Janeiro no século XIX. Um índice de referência em livros de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1982.

MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *A imprensa periódica como uma empresa educativa do século XIX. Cad. Pesquisa. n.104, Julho, 1998, p. 144-161.*

PASSOS, Alexandre. *A imprensa no período colonial.* Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história.* Bauru: EDUSC, 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil.* São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VEIGA, José Pedro Xavier da. *A imprensa de Minas Gerais (1807-1897).* *Revista do Arquivo Público Mineiro.* Ano III, 1898, pp. 169-249.